



Mistério Sempre Há de Pintar por Ai...

Juares Soares Costa (*)

*" Uma lata existe para conter algo,
Mas quando o poeta diz: "Lata"
Pode estar querendo dizer o incontível.*

*Uma meta existe para ser um alvo,
Mas quanto o poeta diz: "Meta"
Pode estar querendo dizer, o inatingível.*

*Por isto não se meta a exigir do poeta,
Que determine o conteúdo em sua lata,
Na lata do poeta tudonada cabe,
Pois ao poeta cabe fazer,
Com que na lata venha a caber, o incabível*

*Deixe a lata do poeta, não discuta,
Deixe sua meta fora, da disputa,
Meta dentro fora, lata absoluta,
Deixe-a simplesmente, metáfora.
(Gilberto Gil, 1981)*

O ser humano sempre buscou uma explicação para o mundo em que vive, e também para sua existência. Todos os mitos trazem uma história que explica o surgimento do mundo, do homem, dos animais e de tudo mais que exista.

Uma das grandes questões que tem preocupado os pensadores ao longo da história (pelo menos da história ocidental) é a pergunta sobre a possibilidade ou não de um conhecimento, que seja a representação exata do mundo. As correntes filosóficas podem ser mapeadas entre as que se pretendem capazes de obter um conhecimento que represente o mundo, ou aquelas que acreditam na impossibilidade de uma representação.

(*) Psiquiatra e Terapeuta Sistêmico, Diretor do INSTITUTO DE TERAPIA DE FAMÍLIA E CASAL DE CAMPINAS.

Fonefax 0xx19-3242.28.23, e-mail juares@scosta.med.br.

Rua Frei Antonio de Pádua, 1036, Campinas-SP- CEP 13073-330



O pensamento Moderno, ou Científico, que nos trouxe um progresso sem par na história da humanidade, postulou que seria possível um conhecimento exato do mundo, bastando para isto o método e o conhecimento adequando das leis que regem este mesmo mundo. O conhecimento exato do mundo seria obtido através da análise das características das partes, isoladamente.

" A ciência moderna, nascida com Newton, Copérnico e Galilei, não soube o que fazer com a complexidade. A estratégia foi reduzir o complexo ao simples. ...Por exemplo, ao contemplar a natureza, ao invés de analisar a teia de relações complexas existentes, os cientistas tudo compartimentaram e isolaram. ..A natureza e o universo não constituem simplesmente o conjunto dos objetos existentes, como pensava a ciência moderna... Os seres que interagem deixam de ser apenas objetos...O universo é, pois, o conjunto das relações dos sujeitos."

(Boff, L.1997)

Curiosamente, foi esta mesma ciência que acabou criando os instrumentos

práticos e teóricos que demonstraram, através dos trabalhos e descobertas dos físicos quânticos, a impossibilidade de um conhecimento objetivo e neutro (independente do observador) do mundo. Estes demonstraram que a presença do observador afeta o fenômeno observado, e também que as partículas sub-atômicas mínimas alternam-se na dualidade onda e partícula, como diferentes dimensões da mesma realidade.

Foi nesta época, na passagem do século XIX para o século XX que se instalou a crise paradigmática, questionando a visão de mundo predominante até então. Em várias áreas começa a ser questionada a possibilidade de uma representação do mundo que pudesse ser exata. E muitas destas questões filosóficas foram colocadas por cientistas, que habitualmente não tinham tal preocupação. Foi o começo da formação de um novo paradigma, que viria a ser denominado de pós-moderno. Se aceitarmos esta nova visão , podemos dizer que tudo que afirmamos sobre o mundo, e sobre nós mesmos, não são mais que aproximações, representações parciais, ou melhor dizendo, metáforas.

Metáforas, segundo Aristóteles, em sua *POÉTICA*, " *consiste em dar a uma coisa o nome que pertence a outra coisa*"(Sontag,



1988;5).Aristóteles suspeitava que havia algo de tortuoso no uso de metáforas... Se aceitamos abandonar a concepção de linguagem como meio de representar uma realidade externa a ela, em favor de uma concepção que vê a linguagem como um meio pelo qual os falantes organizam suas experiências e entram em interação entre si, isto conduz então, a uma noção mais poderosa da metáfora....Assim, as metáforas não são comparações ocultas, com o Aristóteles sugere....são veículos lingüísticos mediante os quais se constrói algo novo...A metáfora é a compreensão e a experiência de " um tipo de coisas" nos termos da "outra; "a outra" não recebe muita atenção. São os " em termos de" que criam a " coisa" experimentada. Assim, as metáforas não são meramente embelezamentos poéticos da linguagem; afetam as percepções e ações dos usuários. (Krippendorff,1997)

Metáforas são, neste sentido,uma aproximação, mas também uma meta que nunca é atingida. O problema é que nós, seres humanos, costumamos nos apegar a nossas metáforas, e reifica-las, tomá-las como se fossem algo concreto, um " espelho da natureza". E passamos a tratar o mundo e a nós mesmos como se fôssemos aquilo que a metáfora traz, como se a metáfora não fosse metáfora. Por exemplo, a noção de campo social, surge a partir do conceito de campo magnético da Física, assim como a noção de forças sociais. De uma metáfora, passamos a olhar e enxergar a sociedade (uma abstração) como se esta tivesse uma existência concreta e como se existisse um campo, uma espécie de cenário onde se dão as interações sociais.

Piaget dizia que todo conhecimento é adaptativo, em um sentido semelhante ao que Darwin usou em sua teoria da evolução. " Neste contexto, adaptação se refere a um estado dos organismos, ou das espécies, que se caracteriza por sua capacidade para sobreviver em um ambiente dado...Para Piaget, o conhecimento não é, nem nunca pode ser, uma " representação" do mundo real. Por outro lado, é a coleção de estruturas conceituais que resultam estar adaptadas, ou como eu diria, resultam ser viáveis dentro do alcance da experiência do sujeito cognoscente.(Glaserfeld. E.v., 1996).

Sempre usamos metáforas quando tentamos descrever o mundo e os seres vivos. E usamos metáforas que se mostram viáveis, que conseguem organizar nossa experiência, descrevê-la e explicá-la. Mas às vezes gostamos tanto de nossas metáforas, que não queremos abandoná-las mesmo quando não mais cumprem sua função, de ajudar na nossa adaptação no mundo em que vivemos.



O uso das metáforas no sentido que aqui adotamos, exige uma diferenciação entre metáfora e conceito. A palavra conceito " (*do latim conceptus*) é a representação dum objeto pelo pensamento, por meio de suas características gerais..Ação de formular uma idéia por meio de palavras; definição; caracterização(Aurélio, 1986). Para a ciência tradicional, um conceito vem a ser a descrição exata de um fenômeno da natureza. Para a Nova Ciência pós-moderna, não há conceitos neste sentido, mas sempre aproximações, metáforas. " De Shazer (1993) menciona uma inevitável confusão quando se emprega indiscriminadamente esses dois termos. Assim, " terapia como conversação" não é o mesmo que " terapia é uma conversação". Esse engano produz a perda da principal característica da metáfora, isto é, a de poder oferecer o traslado de significados de um âmbito semântico a outro, mantendo uma relação de semelhança e diferença entre o sentido próprio e o figurado. É justamente a identificação da semelhança e da diferença que oferece abertura a uma gama de interpretações distintas, e na restrição e o fechamento trazidos pelo emprego de um conceito." (Yazbek,V.C, 1999).

Quando criou sua teoria sobre o psiquismo humano, Freud usou metáforas, à partir de conceitos que estavam alinhados com as descobertas científicas de sua época. Análise, forças, campos, repressão, impulso, são palavras que se originaram da ciência da época, e se mostraram viáveis como metáforas para explicar a mente humana. Será que ele usaria as mesmas hoje? Se não, quais outras?

Muitas metáforas já foram usadas para descrever e explicar a família. (Aliás, antes de mais nada, de que família será que estamos falando? Família nuclear moderna urbana, família extensa, família uniparental ?) Metáforas para explicar sua organização, seu funcionamento, e para descrever a importância que damos a ela em nosso mundo, por exemplo, quando a chamamos de célula *mater* da sociedade.

Quando Bateson estudou o comportamento e a organização social dos *iatmul* (tribo indígena da Nova Guiné), ele se deu conta que os conceitos (metáforas) que tinha em sua bagagem não eram adequadas para descrever e explicar os fenômenos interacionais que observava. Seus conceitos, que vinham da ciência tradicional, objetiva, e mesmo da psicanálise, não eram suficientes. Precisava de outras ferramentas conceituais. Foi à partir de seu contato com as então novas ciências da comunicação, da cibernética e da teoria geral dos sistemas, que conceitos como feed-back, homeostase, sistema, passaram a ser usados



como novas metáforas para descrever os fenômenos interacionais e comunicacionais dentro de grupos sociais, entre eles a família.

A família passou a ser descrita " como se" fosse um sistema, mas não necessariamente um sistema vivo, mas um sistema artificial, como uma máquina auto-reguladora, formada por partes em interação, que através de circuitos recorrentes de feed-back, buscava a homeostase, o equilíbrio.. Foi muito fácil passar da " família como se fosse um sistema" para " a família é um sistema". Como diz Carlos Sluzki: : " A família é o que ela é, nós é que a chamamos de sistema, de estrutura, etc.."

Se a família é um sistema, os problemas que surgem em seu meio são problemas do sistema. Problemas de comunicação, de interação, de homeostase, de estrutura, de fronteiras, etc... Quando um grupo familiar nos procura com algum tipo de sofrimento, imediatamente identificamos problemas no " sistema familiar", no seu funcionamento , como fazemos com uma máquina. " O uso do cachimbo entorta a boca" , diz o ditado, e o uso da metáfora também, ela traz em si as práticas que passaremos a usar. Se o sistema tem um problema, precisamos tratar o sistema. Mas qual sistema? O sistema familiar. Mas qual? A família nuclear? A família extensa? Quantas gerações? Quem deve vir para a sessão? E se não vierem todos? Mas quem são " todos"?

Ao longo dos anos 60 e 70, em várias partes do mundo, terapeutas e pensadores foram se dando conta das limitações da metáfora da máquina cibernética, auto-reguladora para " dar conta"" das questões que surgiam em seus trabalhos, e novas metáforas foram se formando

A Terapia de Família praticada ao longo da década de 60 e 70, de um modo geral, avançou ao levar em conta os fenômenos interacionais, mas ainda continuou em parte presa ao paradigma científico, principalmente ao considerar o observador fora do fenômeno observado, e em sua crença na previsibilidade das intervenções e estratégias do terapeuta.

Novos modelos, novas metáforas foram sendo introduzidas, à partir da teoria do caos, das pesquisas com estruturas dissipativas de Prigogine, e principalmente das idéias do construtivismo e do construcionismo social. O construtivismo, segundo Glaserfeld (1996), tem dois princípios básicos:



"1- O conhecimento não se recebe passivamente, nem através dos sentidos, nem por meio da comunicação, mas sim é construído ativamente pelo sujeito cogniscente.

2- A função da cognição é adaptativa e serve para a organização do mundo experiencial do sujeito, e não ao descobrimento de uma realidade ontológica objetiva. "

Segundo Kenneth J. Gergen(1985) " A investigação construcionista social se ocupa principalmente de explicar os processos mediante os quais as pessoas chegam a descrever, explicar, ou, de alguma forma, dar conta do mundo(incluindo a si mesmos) em que vivem...Da posição construcionista o processo de entendimento não é conduzido automaticamente pelas forças da natureza, mas são o resultado de um empreendimento ativo e cooperativo de pessoas em relação.... O lugar explicativo da ação humana se translada da região interior da mente para os processos e estruturas de interação social."

Ao abandonarem a certeza de um mundo pré-existente e que poderia ser objetivamente conhecido, as duas correntes, embora defendam alguns pontos de diferença, a nosso ver, se complementam e propõem novas metáforas para a compreensão dos fenômenos do mundo, especialmente os fenômenos da interação humana.

Abandonando a noção de um sistema que tem um problema (metáfora da máquina), propõem a idéia de um problema que tem um sistema. " *a velha epistemologia sugere que o sistema cria o problema. A nova epistemologia sugere que o problema cria o sistema. O problema é formado pelo que quer que consistisse o sofrimento original, mais o que quer que o sofrimento em seu festivo caminho pelo mundo consiga agregar a si próprio. ...O problema é o sistema de significados criados pelo sofrimento, e a unidade de tratamento é formada por todos aqueles que estão contribuindo para esse sistema de significados..." (Lynn Hoffman, 1985)"*

Os significados são construídos por um sujeito, com sua estrutura e organização, que está em interação com um mundo, do qual fazem parte outros seres vivos como ele, e deste contínuo intercâmbio recursivo, mergulhado na linguagem, surgem as histórias, as narrativas de cada um, repletas de significados, que para serem compreendidos, precisam ser desconstruídos.

Michael White, nos diz: " *De acordo com minha definição bastante flexível, a desconstrução tem a ver com procedimentos que*



subvertem realidades e práticas que se dão por dadas, essas chamadas " verdades" divorciadas das condições e do contexto de sua produção, esses modos desencarnados de falar que ocultam preconceitos e essas familiares práticas do eu e das relações a que as pessoas estão sujeitas em suas vidas.... A desconstrução se baseia no que geralmente se designa como " construtivismo crítico", ou como eu prefiro, uma " perspectiva constitucionalista " do mundo. Desta perspectiva se propõe que a vida das pessoas está modelada pelos significados que elas atribuem a sua experiência, pela situação que ocupam nas estruturas sociais e pelas práticas culturais e de linguagem do eu e de sua relação. Esta perspectiva constitucionalista é contrária a perspectiva estruturalista(a conduta como reflexo da estrutura ou da psique-alma) e da perspectiva funcionalista (a conduta servindo a objetivos do sistema) (M. White, 1989).

Uma das possibilidades de desconstrução é através do uso de perguntas.

"Parece que o potencial terapêutico das perguntas permaneceu muito tempo como informação periférica à " história oficial" dos recursos terapêuticos. Agora, passa a ser incorporada e valorizada, mudando de alguma forma esta " história". (Brum G. e Rapizo R.....). Muitos autores vem utilizando as perguntas, alguns como um estratégia para provocar mudanças na família (Palazolli, Karl Tomm). Outros (como Chechin, Andersen e White,) usam a pergunta como uma forma de aproximação, na tentativa de compreender como aquele sistema de significados se formou para aquele grupo em especial. Mas não é nosso objetivo neste artigo nos estendermos sobre este tema.

Pensarmos o mundo e o humano como algo que,por mais que tentemos, não conseguimos conhecer através de nossas possibilidades, é com certeza algo angustiante. E talvez seja desta angústia que tentemos escapar, quando buscamos uma certeza, uma visão do mundo que seja privilegiada, que pudesse levar ao " verdadeiro conhecimento".

Heidegger, traz uma metáfora que me agrada. Para ele a linguagem é o " *meio universal da experiência*". Rejeita a linguagem como um dispositivo representacional ,mas a linguagem não é tudo. " *Ser algo é sempre ser interpretado como tal a partir do fundo de uma matriz de possibilidades languageiramente articuladas. (Figueiredo, L.C, 1995).* Para Heidegger, de um lado temos o Ente, o que se mostra como sendo. É sobre o ente que dirigimos nossos olhos. É o Ente que pode ser percebido. De outro lado temos o Ser, puro desvio e



retraimento, é a possibilidade de o Ente ser entendido. O Ser é o fundo sem fundo. A experiência da angústia é a impossibilidade de se conhecer o Ser..

A percepção do Ser pode ser compreendida através da palavra grega *aletheia*, que "é o desvelamento do Ente, o que permite que ele se mostre, o que propicia sua con-figuração desde o fundo sem fundo do Ser. No entanto, a cada vez que uma figura se forma, outras se desfazem e escondem; mais que isso, cada vez que uma figura se destaca é o fundo que se retrai. Assim sendo, na verdade como *aletheia*, não se fixa uma posição entre o verdadeiro e o falso, mas se instaura um jogo – o drama do desvelamento e da ocultação. É deste drama que participa a fala da língua, destinada a prosseguir interminavelmente na sua tarefa rememorativa de escutar o Ser e dizer o Ente, mas condenada a jamais dizer tudo." (Figueiredo, L.C., 1995)

O mais importante, a meu ver, é transformarmos a impossibilidade de conhecer previamente o mundo e o sistema de significados que cada um de nós carrega, em um estado de curiosidade. O estado de curiosidade é um interesse por conhecer o que não é familiar, é poder dar voz a todas as falas, sem que uma delas possa se configurar como privilegiada em relação às outras no acesso ao conhecimento da realidade : " *A curiosidade leva á exploração e invenção de pontos de vista e movimentos alternativos, e movimentos e pontos de vista diferentes, levam á curiosidade* " (Chechin, 1987).

E quando ficarmos confusos, angustiados, com saudades das "verdades" científicas, com a tentação de buscar a ilusão da certeza, poderemos nos lembrar de outros versos do poeta Gil, como se sua voz surgisse por um instante, como uma figura que se destacasse do "fundo sem fundo" , do abismo do Ser, e viesse nos socorrer e confortar;

*“ Não adianta nem me abandonar
Por que mistério sempre há de pintar por aí
Pessoas até muito mais vão lhe amar
Até muito mais difíceis que eu pra você
Que eu que dois, que dez, que dez milhões
Todos iguais*



*Até que nem tanto esotérico assim,
Se eu sou algo incompreensível,
Meu Deus é mais.
Mistério sempre há de pintar por aí.....
(Gilberto Gil, 1976)*

BIBLIOGRAFIA:

ANDERSEN, TOM

1996

Processos Reflexivos- Rio de Janeiro: Instituto NOOS: ITF

BRUM, G. e RAPIZO R.-

1991

NOVA PERSPECTIVA SISTÊMICA

Rio de Janeiro- ITF, Nº 1 ,1992

BOFF, L.

1997

A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana.

Petrópolis, RJ: Vozes

CHECHIN, GIANFRANCO

1987

Hypothesizinig, circularity, and neutrality revisited: an invitation to curiosity

Family Process, 26.

FIGUEIREDO, L.C.

1995

Heidegger, Língua e Fala, in *Psicanálise e Universidade*, 3, 67-65



GERGEN J. K

El movimiento Del construccionismo social em la psicologia moderna

Sistemas Familiares, Agosto, 1993

GIL, GILBERTO,

1996

Todas as letras, org. Carlos Rennó. S. Paulo, Cia das Letras

GLASERFELD, E.v.

1996

Aspectos del construtivismo radical, in Construciones de la experiencia humana, vol I, Barcelona, Ed. Gedisa

HOFFMAN, LINN

1985

Beyond Power and control. Toward a second order family therapy.

Family Systems Medicine 3(4): 381-396

KRIPPENDORF, K

1997

Principales metáforas de la comunicacion y algunas reflexiones constructivistas acerca de su utilizacion, in Construciones de la experiencia humana, vol II, Barcelona, Ed. Gedisa

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ed. Nova Fronteira, R.J., 1986

YAZBEK V. C.

1999

Refletindo em contextos de formação, in Novos Paradigmas em Mediação

Porto Alegre, Artes Médicas.